REVISTA LIBERAL

ESTUDO E CRITICA SOCIAL : LIVRE PENSAMENTO - RACIONALISMO

— Quem dá aos padres empresta a Deus!...

FEVEREIRO
1923

PORTO ALEGRE — R. G. SUL-Brasil

ANNO III — NUM. 17

EXPEDIENTE

Redacção e administração:
Rua 24 de Maio 26
Porto Alegre Sul do Brasil

Assignaturas:
12 numeros ..... 4$000
6 numeros ..... 2$000
Numero avulso $200

NOTAS DO MEZ

Em 1881, a Internacional dos Trabalhadores na Europa, scindiu-se com Miguel Bakunine e Carlos Marx, sustentando cada um delles principios differentes de reforma social: o primeiro baseado na destruição do Estado para estabelecer o communismo-libertario e o segundo na posse do mesmo Estado para o estabelecimento do collectivismo estatal.

Dos dois principios em jogo surgiram dois methodos de luta: o parlamentarismo (acção indirecta) e a greve geral (acção directa).

Esta ultima ideia, ao ser enunciada, como corolario logico da autonomia consciente dos individuos para a qual se appellava, foi desde logo repellida brutalmente pelas classes dirigentes com a mesma energia com que acceitavam a luta parlamentar preconisada pelo ramo socialista-marxista. A ideia da greve geral foi por uns julgada utopica, por outros illegal e por outros ainda perigosa.

Não houve escriptor burguez que a não combatesse como uma ameaça terrivel á estabilidade social. Era o seu melhor elogio!

De então para cá o proletariado mundial foi, a pouco e pouco, adquirindo o direito extra-legal de greve. Hoje, é esse um direito consuetudinario que tornou-se inherente á classe trabalhadora e a prática lhe tem demonstrado que é esse o unico meio certo, infallivel, de realizar algo das suas aspirações de melhorias.

A greve geral é e sempre foi condemnada por capitalistas e burguezistas e pelas classes governantes que a considerám naturalmente criminosa porque é lesiva aos seus interesses de classe.

Agora, porém, operou-se um phenomeno de inversão nas ideias burguezas e pelo qual aquellas mesmas classes tornaram-se paladinas e acoroçoadoras da greve geral, bem como da sua acção subsidiaria e revolucionaria: a sabotagem (inutilisação de machinas, má producção, etc.)

Deu causa a tão extranha reviravolta a occupação do Rhur pela França que ali se apresenta não agora como defensora da civilisação mas como cobradora das indemnisações de guerra que hão encher a burra dos seus burguezes que assim melhor poderão explorar os seus compatricios operarios.

Negociantes allemães, capitalistas, banqueiros, conservadores, kaiseristas, catholicos, protestantes todos applaudem o gesto dos operarios da zona occupada declarando a greve geral, saboteando os occupantes.

Todos acham agora a greve geral muito justa.

O methodo revolucionario de luta tão malsinado pela burguezia quando os operarios o empregam para as suas reivindicações adquire agora fóros de cidade e graves defensores da ordem o aconselham e applaudem.

Trata-se de uma confirmação da efficacia da greve como methodo de luta extra-legal contra os oppressores, tanto politicos como economicos.

Tomem nota disso os operarios para lutas futuras.

Prey-Hélio.

GRUPO MANTENEDOR da REVISTA LIBERAL

Reunidos alguns camaradas que constituem o Grupo Mantenedor da *Revista Liberal*, resolveram reconstituil-o sob as seguintes bases:

I - Garantir a publicação regular da *Revista*

II - Contribuição minima de 2$ mensalmente.

III - Ca membro procurar maior numero de associados e de assignantes e divulgar a "Revista".

IV - Procurar transformar o Grupo numa associação regular que sustente e ponha em pratica os principios propagados pela "Revista.

—

Na mesma occasião foram indicados varios nomes para fazer parte do Grupo sendo expedida a cada um delles a respectiva communicação.

Ha mais luz nas vinte e cinco letras do alphabeto que em todas as constellações do céo. — *Junqueiro.*

REVISTA LIBERAL

ESTUDO e CRITICA SOCIAL ▫ LIVRE PENSAMENTO ▫ RACIONALISMO

Director: Poly SANTOS

Anno III | Porto Alegre, Fevereiro - 1293 | Num. 17

A MISERIA DO POVO E A RIQUEZA CLERICAL

Em todas as épocas o clero catholico sempre tirou partido das calamidades que eventualmente assolam os povos. Um terremoto, uma secca, uma guerra, uma peste que atormente um povo, — levando a angustia, o luto, a miseria, o soffrimento aos lares, — são optimas opportunidades para o clero desenvolver a maxima actividade e, padres, frades e freiras inculcando-se portadores de uma fementida caridade, arrancam do povo os ultimos vintens para os empregar na construcção de templos, acquisição de ricas alfaias, novas imagens, novos altares, resplendores de ouro, scintillantes pedrarias, tudo isso para apasiguar a colera divina, caida implacavelmente sobre a cabeça de innocentes e peccadores...

Outr'ora, esses momentos de desgraças dos povos, eram tambem pretexto azado para o clero se desvencilhar de quem lhes fazia sombra, pois papas e bispos se não pejavam nem vacillavam de attribuir todos esses phenomenos naturaes ou sociaes aos "herejes", cuja presença entre os povos, diziam, attraia sobre estes a colera do terrivel e vingativo Deus catholico.

Hoje, como já não é possivel induzir a populaça fanatica a lapidar herejes, o clero limita-se a approveitar a opportunidade para envolver o povo no espesso véo das superstições mais grosseiras, levando-o ao culto de uma idolatria materialista, á pratica de uma religião inconsequente e amoral por isso que se baseia nos instinctos mais inferiores do homem: o egoismo e o medo. O medo do inferno e a ambição de gozar eternamente o paraizo!

A riqueza clerical sempre esteve na razão inversa da do povo. A miseria deste cresce com a riqueza daquelle. Póde-se avaliar da penuria de um povo pela sumptuosidade de seus templos.

* * *

Porto Alegre assiste no momento á exuberante florescencia da riqueza clerical adubada na miseria do povo. Em consequencia da crise reflexa, oriunda do funesto cataclysmo guerreiro, cujo facho incendiario fora ateado pela mão de christianismos soberanos, o nosso povo, como os demais, viu-se a braços com a carestia da vida e com difficuldades insuperaveis muitas vezes para manter a existencia penosa. Nesses mo-

COM o presente numero entra a REVISTA LIBERAL no 3.º anno de publicação. : : Como a sua existencia depende dos esforços conjugados dos seus leitores e collaboradores, a todos agradecemos o efficaz concurso e esperamos a sua continuação para que possamos levar avante a missão a que voluntariamente nos impuzemos.

mentos afflictivos é quando a alma ingenua e crente do povo, cedendo a influencias atavicas e de educação, se acerca do altar na esperança de alcançar a graça de uma minoração de seus males,

Illusão desvanescente! Por traz do Christo, pobre, macillento e nú, está o padre a espreita, para intervir em meio dos transportes religiosos dos incautos indicar-lhes o que é preciso fazer para mover a munificencia divina: é necessario reconstruir a casa de Deus! Construir uma nova cathedral, reconstruir as velhas egrejas, fazer novas capellas, enriquecer os templos de novas e esplendorosas imagens — eis resolvido o problema da miseria: o povo que dê os ultimos vintens para o padre; este intercederá a Deus por elle...

* * *

Não se diga que as gordas maquias subscriptas para as obras de egrejas, o são por pessoas ricas e que o pobre, o trabalhador nada ou quasi nada dá. Isso seria desconhecer os mais comesinhos rudimentos de sociologia.

A sociedade é o resultado de um agglomerado de individuos que se intredependem. A sua riqueza é o producto da somma das actividades desses individuos. O capital «é trabalho accumulado», diz Sebastião Faure. Trabalho de quem? De quem trabalha, dos trabalhadores. Ora, si os capitalistas, como quer Augusto Comte, «são detentores eventuaes do capital, que sendo social em sua origem deve ser social na sua applicação», segue-se que o desviu de qualquer somma com fins particulares e parasitarios como o é a applicada á riqueza clerical, produzirá um desequilibrio na economia social e do qual se irão resentir os productores unicos do capital: os trabalhadores.

E', pois, evidente que toda essa grandeza ostentada pelo clericalismo, dispendendo rios de dinheiro com a construcção e reconstrucção de sumptuosos templos, assenta sobre a miseria crescente da classe trabalhadora.

E assim continuará a ser emquanto esta não conseguir sair do circulo vicioso em que se encontra encerrada por um ensino falseado e uma educação tendenciosa para as injuncções dos mercadores da fé.

ESCOLA DE MORTE

Uma escola de guerra é simplesmente um estabelecimento em que se recolhem durante alguns annos centenas de rapazes das melhores familias do seu paiz para aprenderem os melhores processos de matar muita gente, de incendiar muitas cidades, de devastar muitas regiões... E ha um cidadão que é nomeado commandante desse estabelecimento, isto é, um cidadão que é mestre na arte de matar, incendiar e devastar.

Agora pergunto eu? quaes os selvagens? Os nossos antepassados, que se guerreavam por instincto, ou nós que emos até "escolas de guerra"?

Decididamente estamos ainda muito longe do ideal positivista. Emquanto ninguem sentir horror ao ouvir fallar de uma escola de guerra, emquanto acharmos muito natural que um homem seja "commandante da escola de guerra", estará muito distante de nós o aperfeiçoamento que Augusto Comte previu para a humanidade...

Antonio Torres.

(Verdades Indiscretas - 177)

Congrua e folar — palha e bolota
Ao teu abbade, impio, não dás?
Pois bem, Deus põe-te de compota
N'um molho ardente de agua-raz.

G. Junqueiro.

A EDUCAÇÃO RACIONALISTA

Ninguem hoje desconhece a importancia da educação e ensino na formação do caracter moral do individuo e, consequentemente, na evolução e melhoramento da sociedade humana.

A escola actual preoccupa-se antes em fazer dos educandos seres passivos, flutuando ao sabor de suggestões mal definidas, do que homens aptos para os embates da vida intensa dos nossos dias, e capazes de influir para um melhoramento progressivo do meio em que se agitam como factores sociaes.

Sob o ponto de vista racionalista cada escola deve ser o nucleo de onde irradie a luz fulgurante de ideias capazes de tornarem os homens bons dentro de uma sociedade boa.

O ensino racionalista affigura-se-nos como o unico reactivo possivel á educação calcada nos dogmas religiosos, politicos e sociaes e que, desviando por um erro inicial os seres humanos do caminho que lhes devera ser traçado por um conhecimento perfeito das leis naturaes, teve como resultado o cahos actual em que a humanidade tacteia em busca de um equilibrio que nem a religião nem o Estado lhe póde offerecer.

Para Elslander "a educação de hoje é a encarceração das intelligencias por detraz dos varões de algumas ideias banaes."

Despindo o ensino das roupagens poeirentas entretecidas de preconceitos archaicos, de ideaes mortos e concepções obsoletas com que a humanidade se embalára na madrugada de sua infancia, o racionalismo como methodo de pedagogia, abebéra o adolescente — ávido de saber, sedento de curiosidade — do immenso manancial de conhecimentos humanos, adquiridos através das gerações que se succederam e deixa que ahi se aperceba elle da grandiosidade da natureza na sua constante transformação, sempre renovada, e da grandeza do homem evoluindo sempre para um ideal de perfeição.

UMA ESCOLA RACIONALISTA EM PORTO ALEGRE

O nosso meio resente-se da falta de uma escola racionalista. Com o desenvolvimento crescente da instrucção clerical e a progressiva clericalisação das escolas publicas, os nossos filhos, para não ficarem analphabetos, têm de fatalmente cairem nas mãos do fanatismo religioso, que amolda-lhes a intelligencia ao sabor de caprichosa e interesseira rotina.

Ha, pelo menos, uma centena de paes de familia que lamentam essa deploravel situação e della desejam talvez sair.

E' entretanto facilimo. Basta apenas um entendimento, uma conjugação de esforços e dentro em pouco o formoso edificio de uma escola moderna e racionalista se ostentará, recebendo em seu seio amigo os filhos de livre-pensadores, liberaes, operarios syndicalistas, socialistas e libertarios — para instruil-os e encaminhal-os na trilha de uma moral sadia e vitalisadora, calcada nos principios das imperecivels leis da solidariedade humana.

Será difficil o "tentamen"? Que cada um que o deseje vêr realisado, disponha-se a prestar o seu concurso e com surpreza verá que as difficuldades com facilidade são removidas.

Não será por certo necessario accender a lanterna de Diogenes para encontrar quem seja capaz de concatenar esses esforços.

E' o que esperamos.

Polydoro Santos

A escola racionalista, livre das peias dogmáticas que annullam o raciocinio, impedem o livre exame e cerceiam as iniciativas investigadoras, em vez de papagaios quer fazer homens capazes de observar, compreender e discutir; homens de senso critico, capazes de se desvensilharem da immensa carga de preconceitos insustentaveis que impedem o livre surto das intelligencias.

O ensino racionalista dirige-se mais á intelligencia do que á memoria, fazendo partir a educação do conhecido para o desconhecido e desenvolvendo com esta marcha, na criança, a iniciativa e o esforço pessoal. Em vez do ensino de palavras vágas, de definições obscuras, o ensino pelos factos, pela natureza, pela vida. Em vez do ensino *por junto*, quer a cultura individual, como o jardineiro que dá cuidados especiaes a cada planta.

A escola que encerra a infancia no quarto escuro das ideias preconcebidas, cerradas as janellas que dão para a vida, pratica uma castração, uma mentira, uma traição, uma violencia lamen-

tavel e de funestas consequencias para o futuro.

Que a criança se debruce a todas as janellas do palácio immenso do saber humano, contemple todas as paysagens, estude todos os aspéctos, desfructe todos os pontos de vista, encare todas as perspectivas. Todas as janellas abertas de par em par! Não ha perigo em se conhecer a verdade; só a mentira é perigosa para o individuo, para a sociedade e para os povos. A escola deve expor todos os problemas e questões de um modo positivo, objectivo, inconfundivel, mostrando e cotejando todas as opiniões para que dahi possa resultar uma conclusão logica, raciocinada, firmemente baseada em argumentos solidos, capazes de resistir aos embates das heresias dogmaticas.

Tal é o ensino racionalista, conforme o entendem os seus mais extremos propugnadores, desde Sebastião Faure a Elslander, do Paulo Robin a Francisco Ferrer.

THESES E DIVAGAÇÕES

I

Si, um dia, me fosse dado merecer a attenção de meia duzia de homens de boa vontade, que, desprendidos tanto quanto necessario e infensos aos prejuizos sempre deploraveis de correntes preconceitos, se propuzessem dar uma parcella, minima que fosse, do seu amor ao bem commum, — eu me daria á tarefa bastante árdua, mas compensadora, de sustentar, á guisa de these, a discussão de uns quantos pontos sobre questão operaria e que pudesse interessar ás lutas de classe no nosso meio, o qual até agora só tem manifestado uma pobreza de idealidade por um lado e muito pessoalismo por outro, si bem alguns ideologos e utopistas, ingenuamente aliás, hajam tentado dar um impulso aos nossos passos vacillantes nesse terreno bastante ingreme e cheio de dissabores, inspirando-nos principios elevados e attitudes bem definidas.

Eu explico a minha asserção.

Nós somos um povo essencialmente sentimental; o nosso enthusiasmo chega ás raias da infantilidade e o nosso fraco é darmos ouvidos demasiado a todas as complicadas philosophias que aos povos traquejados sobejam, e, conseguintemente, entre nós, só tendem a resultar inoquas e displicentes, por inopportunas, ao tempero da nossa formação social. D'ahi, o termos a ingenuidade de suppor que podemos correr parelhas com a forte entidade combativa que térça armas, no velho mundo, com os elementos mais avançados da burguezia. E em conseguinte, chegamos a esta demonstração terra á terra: onde os nossos irmãos maiores na velha contenda millenaria do velho mundo puderam chegar até aos nossos dias, nós os apenas sahidos de um regimen colonial e que colonizamos ainda, temos a ingenuidade de pretendermos começar a nossa historia de lutas sociaes e alcançarmos, dum salto, os triumphos de uma causa pela qual ainda não nos batemos seriamente, porque ainda não conhecemos positivamente nenhum aspecto da sua grandeza em idealidade e philosophia.

Accresce depois que nos falleco de momento esse espirito de luta, esse fogo sagrado que é mantido pela fé inabalavel de uma pleiade de convictos que jamais desvia da rota que se traça, e que é gerada no seio dos proprios lutadores, esse afan que cresce sempre, que recrudesce na alma da collectividade, e que é a força accionadora desse organismo complexo que nos dá o moderno aspecto de remodelação social dos nossos dias.

Por isto, põe-se de manifesto que nós os de menor vulto no plano das forças novas que accionam esse movimento transformatorio das velhas instituições, devemos — livres de ignorancias e de

pretenções — traçar o nosso programma de luta de classe simplesmente do ponto de vista de organização, de agrupação, de associação, que outro não comporta o nosso meio.

Com uma politica mais prática do que theorica, tendo por base uma arregimentação de accordo com as necessidades ambientes — estará bem inspirada para começo a obra de defesa indispensavel ao momento, das nossas collectividades que mourejam e que vivem sem embargo divorciadas, por incuria e desidia de uns e outros, da sua importante funcção nas lutas de acquisição de franquias economicas e emancipação politica, e de seu significado como nucleos de solidariedade que representam perante as outras forças que, em marcha, mundo em fóra, vão no seu adeantado circulo evolutivo, assignalando já soberbas conquistas na jornada redemptora deste glorioso seculo.

Marques Guimarães

ARTES E LETRAS

O CAVALLO E O CAVALLEIRO

Certa vez em que o cavallo marchava docilmente obedecendo á brida, sentira de subito um rapido puxão que lhe feriu a bocca. Com a maxima extranheza voltou-se inquirindo a causa daquella crueldade desnecessaria:

— Porque puxas assim? — perguntou naturalmente ao que o montava.

— Porque é da minha vontade — replicou este de mau talante e cravou, unindo á palavra a acção, com mais afinco, as afiadas esporas.

— Não te obedeço da mesma maneira sem necessidade dessas torturas!

— E' de me importar pouco. Eu mando. Sou o dono, o patrão, o senhor. Doravante, ao envez da voz de mando, empregarei as esporas; em vez da palmada, o latego; tua bocca tem necessidade dum freio mais duro e o empregarei. Tens ás vezes caprichos que não estou disposto a tolerar.

— Não deves temel-os. São naturaes ebulições do meu sangue que se acalmam com facilidade maxima. Não te preoccupes e tem compaixão.

— Para que? Não mando sobre ti? Não és meu escravo?

— Sim. Porém, os escravos têm nervos egual a ti.

E como para dar provas da sua prepotencia o gipete descarregou brutalmente sobre a cabeça do infeliz corcel o pesado mango do açoite feito de rija correia.

O bucephalo bufou de raiva e seu fino corpo foi saccudido por um nervoso estremecimento. Não obstante, reprimindo o seu odio ao homem vil e tyranno, recorreu novamente á razão no intuito de provocar um entendimento.

— Sem him, quantas cousas te seriam impossiveis.

— E' verdade; mas não penso prescindir de ti.

— Trata-me melhor e eu te servirei.

— Has de me servir como eu entendo e nada mais. Já não poderás revoltar-te. Eu te domino. Para teus desplantes tenho um santo remedio; para tuas desobediencias tambem. Experimenta contrariar-me e verás.

— Pois como forte deverias ser magnanimo.

— De que modo se demonstra melhor o poder?

— De certo que não é pela tyrannia. O tyranno o é por medo.

— Medo de ti!! Bruto... Não vês que tu és uma machina e eu sou um braço? A ti te ordena o instincto: a intelligencia faz-me superior a ti.

— Com menos razão, então, te poderias chamar dominador. Não é a intelligencia, a sapiencia que crêa os tyrannos, senão a propria degarerescencia desses valores caducados. Quando se beija uma mão se pratica um rito de puro servilismo. Quem bajula é servil...

— Eu desejo que me bajjes os pés.

— Deixa tua crueldade e te obedecerei com prazer.

— Pouco me importa a fórma. Basta com que me obedeças.

— E pudera não fazel-o e, então...

— Então verias como possuo latego e esporas...

— Que serviria para te perder.

— Eh! Chega de insolencias. O forte sou eu. Olha...

E torturou os flancos do corcel com as agudas pontas de aço; flagellou sua pelle com o latego e enrijou a brida com brutalidade.

O bucephalo, até aquelle instante paciente besta de carga, curvou o pescoço em fórma de S maiusculo e, indifferente ao freio, arrancou numa carreira loucamente, e arrojando flocos de espuma sanguinolenta pela bocca torturada.

O cavalleiro empregava ao principio os meios mais violentos para detel-o em sua carreira desenfreada; isto, porém, augmentava o furor e a velocidade do quadrupede.

Quiz, então, na imminencia do perigo, recorrer aos meios persuasivos.

— Detem-te! Para! Serei bondoso...

Mas o cavallo não escutava já. Corria embriagado pelo nojo que lhe causava o pensamento de uma vida escrava e inutil a despenhar-se no abysmo visinho a seus pés indomitos, cégo, irreflexivo, com a impetuosidade da torrente a quem a mão humana jámais pode deter...

E num solavanco phantastico, incrivel, abysmaram-se cavallo e cavalleiro. Do fundo do despenhadeiro sómente percebeu-se um breve rumor, um golpe oseo como de uma coisa oca.

RAMIRO DA URANIA.

CONTRASTE

Data venia do autor, dedicamos este sonete á poetisa Celio d'Ambrosio que, com o titulo NO CONFISSIONARIO, publicou um bellissimo soneto no "Templario" de 17 de janeiro ultimo.

Eil-a, a donzella candida e formosa,
cheia de timidez e de innocencia,
ajoelhada, qual uma criminosa,
ao pé do negro altar-da-penitencia...

Aquella alma innocente, cor de rosa,
purifica-se diante da impudancia!
Eis a aurora sublime, esplendorosa,
pedindo á noute brilho e aurifulgencia!

Mudo e triste, ante o quadro extraordinario
a estupidez humana considero
e a cusadia do clero salafrario,

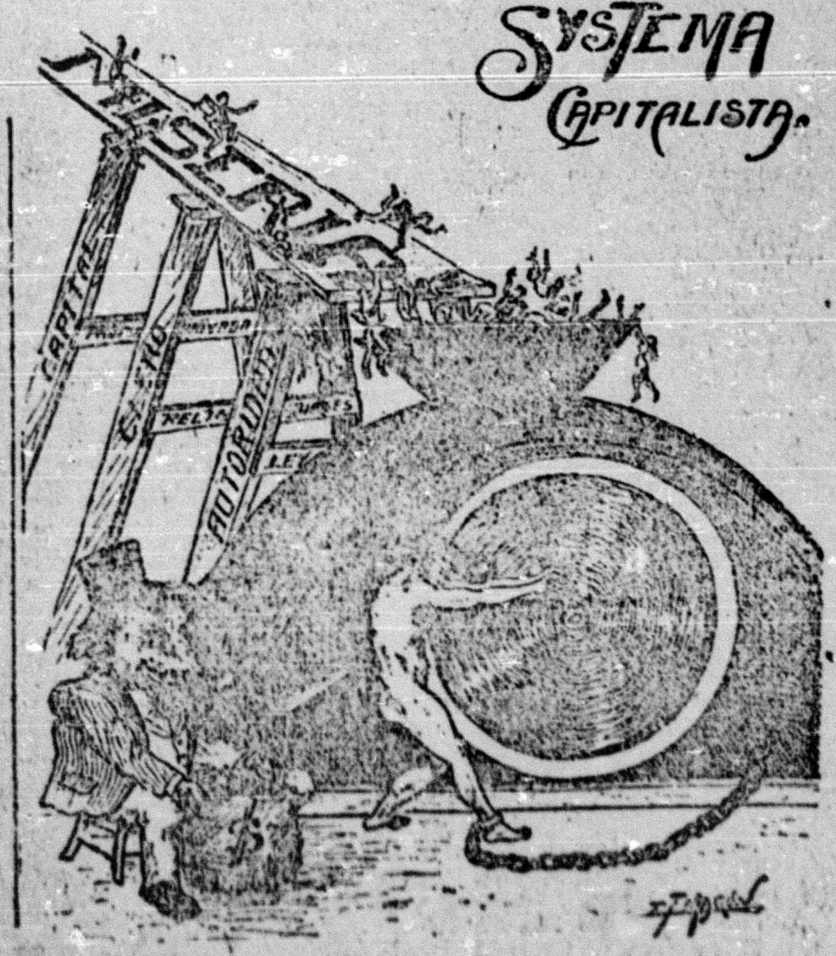
Que, num contraste o bom senso opprime,
põe Jesus genuflexo ante Nero,
a innocencia ajoelhada aos pés do crime!

S. Paulo - 1911. *Raymundo Reis*
(Dos *Canteiros*)

O PROBLEMA SOCIAL E O OPERARIO

Terminada a guerra, eis o operario que volta para seu lar... Escarneo e zombaria impiedosa que é empregar tal termo: elle voltou para uma situação muito mais angustiosa do que aquella de que sahira para a guerra, quando combatia pela reivindicação de seus direitos, quando se batia por um logar ao sol da vida.

Os homens de governo das nações alliadas, representantes directos da industria, do commercio e das finanças, esqueceram, ao verem-se livres do perigo que os ameaçára, as promessas feitas e o reconhecimento devido aos operarios; esqueceram e mentiram ás nações recusando diversos dos quatorze principios de Wilson que tinham acceito; esqueceram e mentiram ao operario fugindo ao cumprimento das promessas que lhe haviam feito durante a campanha e deram-lhe em troca, a miseria, a falta de trabalho, a fome, a carestia de vida e todas as difficuldades, dia a dia crescentes, com que estão lutando as classes trabalhadoras na Europa e de que o telegrapho constantemente nos dá noticias, difficuldades essas que estão gerando e hão de continuar a gerar as soluções mais inesperadas e que nos fazem antever uma perspectiva tenebrosa para o futuro. :: O que se passa na Europa não é impossivel que se venha a reflectir em nosso paiz. Tenhamos presente o que se passa na Russia vermelha; tenhamos presente o que se está passando na Allemanha republicana; tenhamos presente o que se passa na monarchica Italia, onde, apezar disso, o operario, acossado pela fome, pela premura da situação, tem chegado á expulsar das fabricas o proprietario burguez e socializado as mesmas.



Consideremos tudo isso que é muito suggestivo, e consideremos mais que, num movimento verdadeiramente

imprudente, está surgindo na Europa, na França, a nefanda pretenção de augmentar para mais de oito o numero de horas de trabalho diario, e isto quando o numero de braços desoccupados, o numero dos "sem trabalho" conta-se por milhões, constituindo verdadeiras massas, cuja situação horroriza, quando consideramos que os "sem trabalho" não têm pão para dar aos filhos; não têm vestes para cobrir a esposa! Não esqueçamos de que esse é um dos problemas mais incisivos da hora presente e que a nós nos cumpre solucionar de fórma satisfactoria, si não quizermos ser arrancados de nossa inercia pela solução inevitavel e desordenada que se produzirá, semelhante á da Russia, á da Allemanha ou á da Italia.

A crise, o periodo de transição de que a guerra foi o ponto culminante, sob o ponto de vista da humanidade, não passou ainda, e nós não sabemos o que nos reservam a Inglaterra e a Irlanda, a Hespanha e seu povo, opprimido, mas sedento de liberdade.

O operario tem direito a gosar do mesmo bem-estar que produz para os outros, não o esqueçamos, e si nós não soubermos proporcionar-lhe esse bem-estar, elle saberá conquistal-o, quer seja por meio da socialização das fabricas, como na Italia, quer seja pela transposição da ordem social como na Russia.

PAULINO DIAMICO

Campos / 1922.

COMO SE ABUSA DA IGNORANCIA DO POVO

O *Correio do Povo* mantém uma secção diaria, especialmente destinada a embecilisar os seus leitores menos cultos ou a deleitar pacovios.

Diariamente descrevem-se ali os maiores absurdos sob a fórma de «milagres» de santos, sortilegios, mysterios com o intuito de manter e desenvolver o fanatismo ingenuo das classes incultas e da juventude inexperta que, lendo-os, satura-se das mais abstrusas crendices, tornando-se mais tarde victimas predilectas de audazes charlatães ou «i do no pacote» do conto de qualquer vigario...

Como amostra tomamos, ao acaso, do "Correio" de 9 de janeiro (pag. 10, 1.ª columna) este pedacinho, referente á biographia de um S. Juliano:

> "E' natural que elle não ficasse esquecido dos mandatarios do cruel tyranno. Sendo preso e confessando com intrepidez a sua fé, foi submettido ao supplicio da flagellação. Ora, durante elle, aconteceu que um dos carrascos, por descuido, cegasse, com um golpe d'azorrague, ao seu companheiro. Enfurecendo-se o juiz, disse-lhe Juliano: "Os teus deuses que curem ao teu servo! Si elles não o puderem fazer, cural-o-ei eu".
>
> Os sacerdotes pagãos então offereceram sacrificios; mas em vão. Como tivessem de confessar-se impotentes, Juliano se poz em oração: immediatamente os idolos cahiram por terra. Depois fez o signal da cruz sobre a vista do carrasco e invocou o nome de Jesus. O homem ficou instantaneamente curado, converteu-se ao christianismo e soffreu o martyrio.
>
> O juiz, longe de commover-se pelo milagre, ficou mais obcecado e enfurecido e mandou despejar pez ardente sobre o martyr, que ficou illeso: exposto aos animaes selvagens, estes nenhum mal lhe fizeram."

E diga-se que a grande imprensa não é factor da civilisação, do progresso e da illustração dos povos, diffundindo entre os mesmos os ensinos da santa madre igreja!...

MANDAMENTOS LIBERAES

I — Amar a verdade sobre todas as cousas.

II — Não invocar o nome de Deus para explorar a ignorancia alheia.

III — Trabalhar todos os dias quanto necessario para manter os seus.

IV — Honrar a familia e amar a humanidade porque todos os homens são irmãos.

V — Não matar sob nenhum principio, ainda que seja com armas bentas pelos padres.

VI — Constituir familia e manter o lar izento da impureza clerical.

VII — Não furtar, ainda que seja á sombra da lei.

VIII — Não accusar diante do forte nem aos proprios inimigos.

IX — Respeitar a mulher como digna e nobre companheira do homem.

X — Não desejar ser feliz em detrimento da felicidade de outrem.

*** Um só assassinio faz um scelerado; milhares de assassinios fazem um heroe.

UM NOVO IDEAL DE CIVILISAÇÃO

(Traducção especial para REVISTA LIBERAL)

Ninguem nega que é precisa uma boa dose de hypocrisia ou, pelo menos, uma excessiva candura, para a affectação com que se pronuncia a palavra «civilisação», quando esta civilisação tem por base o pauperismo, o excesso de trabalho physico e intellectual, o alcoolismo e o assassinato acompanhado do saque, immarcessiveis gloriss guerreiras.

A civilisação que enlaça o explendor dos privilegiados com a extrema miseria das massas humanas desherdadas e privadas de tudo: a civilisação imposta a tiros e metralha, é uma irrisão sangrenta, e não representa mais do que uma das ultimas fórmas da barbarie.

Como todo o excesso provoca a reacção, esta pseudo-civilisação não só suscitou antagonistas que lutam contra ella para a substituir por uma civilisação verdadeira, baseada na universalisação do bem-estar, da sciencia e da liberdade para todos, mas tambem produziu as phantasias extravagantes que se dão o titulo de "selvagistas" que chegam a negar todas as fórmas, todo o ideal de civilisação.

Já Rousseau, no seculo XVIII, despresando convencionalismos, affirmou a superioridade do "estado natural", sobre o artificial creado pelos seculos de civilisação; embuido de religiosidade e, como quasi todos os philosophos da sua época, representava, talvez a pezar seu, os nossos primeiros paes vivendo innocentes e ditosos no paraizo, respirando ampla e vigorosamente o ar puro e a liberdade.

Semelhante concepção, tão longe da verdade, era desculpavel numa época em que a anthropologia como as demais sciencias naturaes, ainda estavam na infancia, ignorando-se por completo a historia do homem. Hoje seria ridicula.

Si fosse possivel, para achar a felicidade, volver á idade de pedra, á anthropophagia e á vida das cavernas. que razão haveria para hesitações, e para não se ir mais além, á animalidade absoluta, até se chegar a andar a quatro patas? Essa regressão é impossivel, porque a humanidade, que está ainda no seu periodo ascendente, tem deante de si muitos seculos para se desenvolver e viver, e esse desejo de retrogradar a um passado cheio de trevas é absurdo.

E por absurdo que seja, constitue não obstante, um symptoma: accentua uma reacção no sentido do passado contra esse aniquillamento do ser humano que fica como que colhido na engrenagem duma civilisação decrepita e viciosa.

Fartos, já, dessa mentirosa civilisação, repudiamol-a; nada queremos com os seus codigos inflexiveis, os seus falsos convencionalismos, o seu excessivo trabalho, embrutecedor de cerebros e matador de corpos,

TUDO NOS UNE...

— Lá se foram as nossas esperanças com a descoberta do *complot* guerrista!

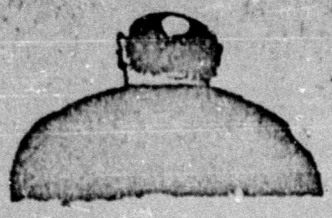
— Não é nada, coronel: combinaremos com os nossos collegas argentinos e chilenos o melhor meio de solidificarmos a paz armada! Depois virá o resto...

mas tambem não queremos regressar ao pitecanthropo.

* * *

A humanidade engrandeceu-se; formou um novo ideal de civilisação mais ampio, mais fraternal, mais verdadeiro, baseado nas indestructiveis leis de solidariedade da especie, e ha de realizal-o, não só creando o que para elle lhe falta, como destruindo o que se lhe oppõe.

Carlos Malato



O CLERO NO CORCOVADO

Com o intuito de affirmar um ficticio poderio temporal — já que o espiritual cada vez mais se reduz á proporção que as intelligencias se esclarecem — a clero vinha ha muito afagando a idéia de erguer no alto do Corcovado, dominando a cidade do Rio, uma imagem de Jesus Christo.

O fim do clericalismo com essa reducção humana de Christo-estatua, é servir-se do monumento como ponto de apoio para continuar a desenvolver entre o povo o fanatismo por uma religião decadente que apega-se a todas as modalidades da *rèclame* para reavivar o seu culto.

Sempre á espreita da occasião azada, o clero aproveitou-se do colapso democratico porque passa actualmente o nosso paiz com a ascensão ás culminancias do poder de espiritos retrogrados, apegados á crendices e superstições, sem noções do espirito de democratismo da época, o que tornou possivel dar um solenne desmentido á propria Constituição do Brasil que não impõe a ninguem religião de nenhuma especie.

Alimenta o desplante clerical as inequivocas manifestações de um carolismo bisonho e rediculo da parte das classes dirigentes, culminando comicamente no facto narrado pelo arcebispo ao *Correio do Povo*, de

> "officiaes do exercito e da armada nacional, quando da procissão eucharistica, desatrellando os cavallos do carro que conduzia triumphalmente um bispo portador da *hostia*" e, entre vaiaes, "ELLES MESMOS puxarem-no até á praça Mauá"!

E não contentes com a permissão abusiva da collocação de uma imagem de seu culto num lugar publico, transformado assim em santuario particular de uma determinada religião, o clero atirou-se ao thezouro nacional e, por intermedio de uma sua creatura, obteve 200 contos tirados dos dinheiros do povo para a erecção do monumento clerical do Corcovado.

Isto para que não fique duvida nenhuma quanto á violação flagrante do art. 72, § 2 e 7 da Constituição Federal que estatue:

> «Nenhum culto ou egreja gozará de subvenção official nem terá relações de dependencias ou alliança com o governo da União ou dos Estados.»

Como consequencia da annullação desse artigo garantidor da liberdade de cultos, não é muito que os deputados clericaes — que são quasi todos, uma vez que o presidente da Republica o é — apresentem um projecto restabelecendo a punição da herezia e da blasphemia, da "congrua" (soldo de padre), dos capellães militares, da obrigatoriedade do casamento e baptismo religiosos, abolição da liberdade de pensar, e tudo isto *ad majoren Deo gloriam*...

Estamos no declive que conduz á tyrannia theocratica que outr'ora envolveu os povos occidentaes na mais espantosa noute de fanatismo sanguinario e fratricida!

Lá chegaremos fatalmente si não reagirmos em tempo!

MARIO D'ALBOR.

BRADO DE ALERTA!

O CLERICALISMO PROJECTA A REFORMA DA CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA, AMOLDANDO-A ÁS EXIGENCIAS DE ROMA ::

Um artigo do Dr. Vianna de Carvalho

Os sacerdotes catholicos e demais jesuitas cá de fóra, vêm preparando o fermento de uma questão religiosa que póde degenerar em seria ameaça á tranquilidade do Brasil.

Planejam a remodelação da carta politica republicana, introduzindo-lhe dispositivo favoravel ao restabelecimento de uma seita, evidentemente retrograda, como religião do Estado.

O terreno tem sido minado, desde algum tempo, a golpes de propaganda, principiada com processos mais ou menos secretos e agora declaradamente ostensivos.

A ideia funesta conta com a malleabilidade da indole nacional, sempre disposta ás palavrosas suggestões dos pulpitos e do jornalismo fascinado pelo dinheiro do Vaticano. Conta ainda com o descuro das autoridades que se prestam a dar publicamente prestigio á igreja em detrimento das ordenações legislativas de 1891, as quaes firmaram a definitiva separação entre o governo do paiz e as conf ssões religiosas que, dentro delle, queiram exercer seus respectivos ministerios.

E' muito facil de lobrigar os symptomas da provavel crise social pelo exame da intensidade com que vão agindo em nosso meio os delegados da romana Curia.

Com aquelle tradiccional feitio de manhosa insinuação, elles se impõem primacialmente aos detentores da força material e dahi descem até as ultimas ramificações do pro' tariado.

Dividem-se em bandos encarregados: uns, da subjugação das mulheres; outros, da falsa cultura intellectual imposta á infancia e á mocidade. Os menos aptos a operações diplomaticas, se empregam em atiçar o fanatismo dos ignorantes; os habilidosos em tricas louvaminheiras, invadem as secretarias de Estado á cata de concessões para institutos — escolas, hospitaes, orfanatos — onde são inoculados na alma dos recolhidos em taes estabelecimentos os germens de um ferrenho sectarismo.

Por toda a parte se infiltram, dispondo os elementos de reacção para a hora de suas ambicionadas reivindicações. Entre nós, o trabalho jesuitico está revelado no proliferar de sociedades femininas, de educacionismo bellicoso (escoteiros) e, ultimamente, a propria classe medica foi attingida pelo afan de arregimentação partidaria. Tudo faz prever a tentativa de assalto á neutralidade religiosa expressa na Constituição Brasileira.

Já os annuncios desse attentado, figuraram em votos ardentemente proclamados no congresso eucaristico.

A senha de — Christo ou morte — pronunciada por valoroso arcebispo, denuncia intuitos menos pacifistas, aliás, perfeitamente adquados a varios lances guerreiros da historia ecclesiastica.

Sobram, portanto, mui solidas razões para emittirmos, desta columna, o brado de alerta aos cultivadores do liberalismo, aos genuinos patriotas que não devem absolutamente consentir na aliena-

PALAVRAS D'UM CRENTE

O homem contém Deus, isto é, a consciencia; o catholicismo retira do homem a consciencia, pondo-lhe n'alma o padre em lugar de Deus; é essa a tarefa do confessionario; o dogma substitue-se á razão; donde resulta este profundo servilismo — crêr o absurdo; "credo quia absurdum."

O catholicismo faz o homem escravo, a philosophia fal-o livre.

Daqui maiores deveres.

Os dogmas são andadeiras ou muletas.

O catholicismo trata o homem já como creança, já como velho.

Para a philosophia o homem é um homem.

Illustral-o é libertal-o. Libertal-o do erro é submettel-o á verdade. Digamos as verdades sinceras.

VICTOR HUGO

manidade futura, que num dado momento existem numa dada sociedade?

E' sempre a velha historia do homem ligado, que tendo conseguido viver apezar dos laços, imagina viver por causa delles.

Estamos habituados a viver sob um governo que açambarca todas as forças, intelligencias, vontades que póde dirigir para os seus fins; estorva, paralysa, supprime as que lhe são inuteis ou hostis — e pensamos que tudo o que se faz na sociedade é por obra do governo e que sem governo não haveria na sociedade nem força, nem intelligencia, nem boa vontade.

Que póde o governo accrescentar de seu ás forças moraes e materiaes que existem numa sociedade? Será elle por acaso como o Deus da Biblia que cria do nada?

Assim como nada se cria no mundo que se costuma chamar material, assim tambem nada se cria nesta fórma mais complicada do mundo material que é o mundo social.

E por isso os governantes não podem dispor das forças existentes na sociedade — menos aquellas, importantissimas, que a acção governamental paralysa e distróe, menos as forças rebeldes, menos tudo o que se gasta nos attritos, enormes fatalmente num mechanismo tão artificial.

Si alguma cousa põe de seu, é como homens e não como governantes que o podem fazer.

E das forças, materiaes e moraes, que ficam á disposição do governo, só uma parte pequenissima recebe um destino um destino realmente util á sociedade.

O resto, ou é consumido na actividade repressiva para refrear as forças rebeldes, ou é de outro modo desviado do fim de utilidade geral e empregado em proveito de poucos e em prejuizo da maioria dos homens.

H. MALATESTA

A EVOLUÇÃO

Fui rocha, em tempo, e fui, no mundo antigo,
tronco ou ramo na incognita floresta...
onda, espumei, quebrándo-me na aresta
do granito, antiquissimo inimigo...

Rugi, féra talvez, buscando abrigo
na caverna que ensombra urze e giesta;
ou, monstro primitivo, ergui a testa
no limoso paúl glauco pascigo...

Hoje sou homem — e na sombra enorme
vejo, a meus pés, a escada multiforme,
que desce, em espiraes, na immensidade...

Interrogo o infinito e ás vezes chóro...
Mas, estendendo as mãos no vacuo, adoro
e aspiro unicamente a liberdade!

Anthero de Quental

Um dos melhores *cordões* carnavalescos.

LOTERIA DO ESTADO

DO

RIO GRA[illegible]

EXTRACÇÕES COM OS PREMIOS

MAIORES DE

100, 200, 500 e 1.000 contos

DISTRIBUE 75 % EM PREMIOS

Os concessionarios:

DEMARCHI, MOSTARDEIRO & Cia.

PORTO ALEGRE

A MERIDIANA

Joias - Relogios
Bijouterias
Oculos - Apparelhos de phisica
Cartões postaes
Gramophones
etc., etc.

RUA CALIFENDO

Vol. da Patria
—:: 91 A ::—

ALFAIATARIA SUL-AMERICA
de A. CAMPAGNA
Casemiras nacionaes e extrangeiras
Trabalhos esmerados
Preços sem competencia
26 — RUA 24 DE MAIO — 26

MENTIRAS RELIGIOSAS — Obra anti-clerical, 2 grossos vóls. (637 pgs.) 5$000. — Em todas as Livrarias. Pedidos p.ª fóra á «Revista Liberal»

ESTILHAÇOS

Um jornal noticiou que na festa dos Navegantes havia na praça cerca de 60 bancas de jogo de azar.

Todo mundo sabe que os barraqueiros que se aboletam nos arredores das igrejas por occasião de festas, pagam uma certa quantia ao respectivo vigario, chegando mesmo alguns mais *aves*, como o de S. João, a transformar a casa parochial em botequim...

A religião catholica acoroçoa assim os vicios mais detestaveis: alcoolismo e jogo, tirando dahi proventos para o esplendor da igreja.

Accrescente-se a isso as fitas picantes e até immorais do indefectivel cinema e ahi temos uma cultura de corrupção periodicamente injectada nas camadas populares, formando ambiente favoravel para o fanatismo, a criminalidade e a degenerescencia! — *Dip.*

DO QUE VIVE A 'REVISTA'.

N. 16, 13 Outubro.

Lista Guimarães — Venda 1$600, Plaquetes 2$800 Ramirez 1$, Estanisláo, Frederico, Wild, Theodoro 2$ cada differença 1$600. Total 15$000.

Lista da redacção — J. Franco 4$, Raya, Merino, Marcos Polo, J. Selmr, Garcia 5$ cada; J. Garcia 2$, W. Ferreira, Osw. Costa, F. Leonardo 2$ cada; João Buderian 1$, Jodoal 10$, Gastaldone (plaquetes) 2$1, Salv. Fernandez 5$, Rosa e Pansardi (Urug.) 10$, Barony (Jag.) 4$, Calpostro 10$, Ben. Freitas 20$, Nino 10$, Celes. Silva 2$, J. Braga 3$. Total 114$400.

Receita:

Saldo do n. 15 ...	47$700
Redacção e lista...	129$400
Venda avulsa	25$700
Annuncios.....	25$000
Da administração.	13$000
	240$800

Despezas:

Typ. e impressão.	235$000
Car. 6$; Sellos 5$2	11$200
Ave, Humanitas! (500 exemplares)	68$000
	314$200
Receita	240$800
Deficit..... Rs.	63$400

Para o n. 17:

Lista Prò-deficit Aquilino Lopes e M. Koroj 10$ cada; J. Braga 2$, Derive 4$, Pintoriano 5$, Caliostro 25$, J. Monteiro e M. Garcia 5$ cada. Total 66$000.

Lista redacção — Avulsos 1$400, Folhetos 2$100, Pintoriano 5$, José Feijó 6$, Calixto 2$, Aquilino 3$. Total 19$500.